



## A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DE LÍNGUA PORTUGUESA TELÁRIS ESSENCIAL

ALINE PACHECO DE MELO MARTINS (UEG)<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste texto, constataremos que o PNLD, Programa Nacional do Livro Didático, tem como foco o Ensino Fundamental público, e assegura a gratuidade dos livros didáticos a cada aluno matriculado na rede. Nosso objetivo é analisar se o livro didático *Teláris Essencial* oportuniza ao professor direcionar o ensino da variação linguística aos alunos de modo claro e coerente. Essa análise será baseada no arcabouço teórico da Sociolinguística Educacional e da Sociolinguística Variacionista, serão analisados todos os capítulos, exercícios e boxes informativos sobre o tema *variação* presentes na obra. Além disso, será feito um cotejo entre a proposta da obra e os postulados do DCGO e da BNCC no que tange à pedagogia da variação linguística. As análises serão realizadas mediante a visão de trabalhos da sociolinguística variacionista de Labov (1998). Esperamos que, depois das contribuições do nosso trabalho, conceitos importantes como *variante*, *variação*, *mudança* e *preconceito linguístico*, passem a ser trabalhados dentro de sala de aula com os educandos, não como conteúdo programático, mas como um viés teórico para todos os conteúdos, estando presente durante o ano todo, nas explicações, questionamentos e debates feitos em sala de aula.

**Palavras-chave:** Livro didático, Escola pública, Variação linguística.

### INTRODUÇÃO

Este artigo, cujo tema é “A variação linguística no livro didático *Teláris*, de língua portuguesa”, explorará algumas ocorrências da variação linguística no livro didático *Teláris Essencial*, destinado ao 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da Cidade de Goiás-GO, material didático oferecido pelo Governo Estadual de Educação.

As análises serão feitas mediante a visão de trabalhos da sociolinguística variacionista de Labov (1998). Labov (1972) buscou entender as variações linguísticas dentro da sociedade, como metodologia de estudo a análise quantitativa. Levando em conta os princípios extralinguísticos como: o sexo, idade, a classe social, nível de escolaridade e assim por diante. Tais princípios extralinguísticos se fazem necessários estar presentes na construção do material didático de ensino aprendizagem de uma maneira coerente e lógica, para que o mesmo cumpra sua função social no processo de ensino aprendizagem.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Português/Inglês (UEG/UUCC 2009) e em Pedagogia (Centro Universitário Favoni/2023). Pós graduada em Libras (Faculdade Almeida Rodrigues FAR/ 2017) e no Ensino de Língua Inglesa e Uso de Novas Tecnologias (Faculdade de Iporá FAI/ 2014). Professora efetiva da Secretaria de Estado e Educação de Goiás (SEDUC-GO) na área de línguas. Coordenadora Pedagógica, no Lyceu de Goyaz, Cidade de Goiás. Mestranda pelo programa Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI-UEG).



Algumas questões conduzem o nosso estudo, elas definem o foco da investigação e orientam o desenvolvimento de hipóteses e metodologias. Essas perguntas claras, relevantes e factíveis visam contribuir para o conhecimento dessa área em estudo, são elas:

- O material didático analisado utiliza a terminologia relacionada à variação linguística de forma adequada? Explica ou mistura as expressões *variação*, *variedade*, *variante*, *dialeto*, *norma-padrão com variedade-padrão*, *língua-padrão*, *norma-padrão*, *norma culta*?
- Ao se referir à variação, deixa evidente que a língua apresenta variabilidade nos fenômenos gramaticais ou limitam-se a fenômenos de prosódia e de léxico?
- As atividades e os conteúdos propostos pelo LDLP (Livro Didático de Língua Portuguesa) estão de acordo com o DCGO (Documento Curricular para Goiás) e com a BNCC?

Nosso objetivo principal é analisar se o livro didático Teláris Essencial oportuniza ao professor direcionar o ensino da variação linguística aos alunos de modo claro e coerente. Nossa pesquisa pode ser classificada como sendo de procedimento bibliográfico, de natureza qualitativa, de objetivo exploratório e de finalidade básica. A metodologia usada em toda pesquisa se resume em analisarmos o livro e evidenciarmos os problemas nele, para com o tratamento da variação linguística encontrados, sem uma quantificação numérica.

Tal análise tem como base o arcabouço teórico da Sociolinguística Educacional e da Sociolinguística Variacionista, todos os capítulos, exercícios e boxes informativos sobre o tema variação presentes na obra. Além disso, será realizado um cotejo entre a proposta da obra e os postulados do DCGO e da BNCC no que tange à pedagogia da variação linguística.

Nota-se que o público que frequenta nossas escolas tornou-se mais heterogêneo em função, ao menos em parte, dos movimentos migratórios de indivíduos, antes residentes em zonas rurais, para zonas urbanas (BORTONI-RICARDO, 2004). Esse fato tem exigido das instituições de ensino formal posturas mais abertas e atentas para o trato das muitas realidades sociolinguísticas com as quais os jovens estudantes chegam as nossas escolas, comumente lotadas, salas de aula.



Universidade  
Estadual de Goiás



Como parte de tais tentativas, foram elaborados em meados das décadas de 1980, 1990 e 2000 documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCN de língua portuguesa (BRASIL, 1998) e o Programa Nacional do Livro Didático, o PNLD (BRASIL, 2014). Os primeiros buscam oferecer uma série de propostas didáticas para as disciplinas que compõem o quadro curricular do ensino básico. Já os segundos, figuram como guias através dos quais o Ministério da Educação avalia, compra e distribui materiais didáticos para as disciplinas que constituem o quadro do ensino fundamental. A partir de um longo, lento e apurado trabalho, as propostas dos PCN (Brasil, 1998) foram incorporadas aos livros didáticos, visto que eles “são ferramentas ou instrumentos que a maioria dos professores das escolas públicas brasileiras utiliza em sala de aula” (Morais, 2015, p. 191). Nesse sentido, muitos trabalhos têm sido desenvolvidos com o intuito de observar como os materiais didáticos estão incorporando as propostas para o trabalho com a variação linguística (Bortoni-Ricardo; Rocha, 2014; Lima, 2014; Moraes, 2015; Marques; Baronas, 2015).

Em consonância com tais propostas, o guia fornecido pelo PNLD (BRASIL, 2014) recomenda que, durante a escolha dos livros didáticos que norteiam os trabalhos dos professores em sala de aula, deve-se observar se tais materiais, no que tange ao conjunto de textos fornecidos são:

[...] *representativos da heterogeneidade própria da cultura e da escrita – inclusive no que diz respeito à autoria, a registros, estilos e variedades (sociais e regionais) linguísticas do Português –, permitindo ao aluno a percepção de semelhanças e diferenças entre tipos de textos e gêneros diversos pertencentes a esferas socialmente mais significativas de uso da linguagem* (BRASIL, 2014, p. 17, grifos no original).

Logo, a proposta dos documentos curriculares é acolher esse aluno com uma linguagem que ele possui, valorizar essa linguagem como algo internalizado pela convivência social que ele teve (contexto familiar como algo próprio que faz parte da identidade dele), mas ao mesmo tempo, o professor deve agir sobre esse aluno tentando fazê-lo compreender que a vida em sociedade necessita de diversas circunstâncias de conhecimento da língua, logo o intuito do currículo é formar alguém poliglota dentro do seu próprio idioma, para interagir em sociedade.

A BNCC ainda destaca o estudo das variantes e do entendimento de que a língua é um processo histórico, sem desconsiderar que é também um processo fruto de disputas



Universidade  
Estadual de Goiás



ideológicas, logo as palavras que estão ali nos textos, nos enunciados, que estão descritos no currículo aparecem como coisas que devem ser trabalhadas com aluno, fruto desses processos. Também, a BNCC fala algo que está presente no DCGO, que é a questão do preconceito linguístico que deve ser combatido de todas as formas e que apesar dele ser estruturado, não deve ser aceito, vimos então que o DCGO preza sempre pela construção da alteridade, onde o aluno consiga ver o outro, respeitar e aprender com aquilo que o outro lhe oferta. A BNCC privilegia as variantes linguísticas e a concepção de língua como forma de interação, ela é um documento que fica mais no campo das ideias, porém, estabelece pressupostos para execução dos currículos, tal como o DCGO.

O DCGO em língua portuguesa, feito então a partir da BNCC, prestigia todas as variantes linguísticas, trazendo para a sala de aula a oportunidade dos alunos conhecerem inúmeros gêneros textuais, desde gêneros textuais formais como: resenhas, textos argumentativos, notícias, textos científicos de toda e qualquer natureza; até textos populares como: cordéis, canções de roda, piadas, etc. Ele trabalha desde situações de escrita informal até situações de falas formais, esse tipo de texto que o currículo traz tem uma relação muito a chegada a BNCC, porque prestigia todas as variantes pertencentes a cultura goiana

Para os professores, essas ferramentas viabilizam a elaboração de um planejamento de aulas que facilitem a assimilação, a fixação e o aprofundamento dos conhecimentos. Nesse sentido, o material didático deverá **apoiar e orientar o trabalho dos docentes** e, ainda, permitir que eles atuem com autonomia para expor os conteúdos da forma que julgarem mais eficaz. Por outro lado, para os estudantes, os materiais pedagógicos propostos deverão contribuir e estimular o desenvolvimento de uma série de competências e habilidades, como autonomia, criatividade, pensamento crítico e raciocínio lógico.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa está fundamentada em autores como Bagno (1999), Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Labov (2008 [1972]) e da teoria da Sociolinguística Educacional, uma vez que a língua é entendida como um sistema dotado de variação linguística sendo inerente ao sistema e lugar onde os usuários linguísticos interagem e empregam sentidos de acordo com os contextos de uso (Labov, 2008 [1972]), é quase que impossível que materiais didáticos,



cujo foco seja apenas o ensino formal, tradicional, da estrutura da língua, irão conseguir promover a criticidade no alunado e amenização do preconceito linguístico.

O estudo da língua, sob este ponto de vista, é feito a partir da língua em uso, de forma que as escolhas que os falantes fazem dependem não somente de fatores internos à estrutura linguística, mas também de fatores relacionados à situação de uso. Assim, a análise sociolinguística passa a se orientar para a variação sistemática.

Nessa definição laboviana de língua, heterogênea e plural, com variações devidas a fatores sociais, que embasaremos nossa análise, com o objetivo de investigar os livros didáticos de língua portuguesa.

Segundo Fernández (2005: 21) a língua é variável e por isso, ocorre entre os falantes também de modo variável. Logo, variação linguísticas é o uso de um elemento no lugar de outro sem alteração semântica. Ou seja, os falantes recorrem a elementos linguísticos diferentes para expressar as mesmas idéias. Às vezes, determinadas unidades linguísticas no lugar de outras podem expressar significados diferentes ou valores semânticos diferentes, porém, esse fato não será a variação linguísticas aqui abordada.

Variações fonético-fonológica, morfológica, sintática, semântica, lexical ou estilístico-pragmática, podem ocorrer em todos os níveis da fala, o que leva a isso são: origem geográfica, *status* socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho, redes sociais de cada falante, ou seja, aspectos linguísticos ou extralinguísticos. Ao longo do estudo, será pertinente considerar também as variações diacrônica, diatópica, diastrática, diamésica e diafásica, também presentes no livro didático.

Ainda, vale ressaltar que a sociolinguística Educacional se preocupa com a abordagem da teoria Sociolinguística dentro da escola. Autores como Antunes (2007), Bortoni-Ricardo (2005), Faraco (2008), entre outros, defendem que a Sociolinguística deve ser levada para a escola e todos os conceitos importantes como variante, variação, mudança e preconceito linguístico, por exemplo, devem ser trabalhados dentro de sala de aula com os educandos.

Ademais, esses autores defendem a ideia de que a variação linguística não deve ser tratada como um conteúdo programático, pois ela não é. A variação linguística deve ser o viés teórico para todos os conteúdos, estando presente durante o ano todo, nas explicações, questionamentos e debates feitos em sala de aula.



Universidade  
Estadual de Goiás



Pensando nisso, também se faz necessário abordar aspectos metalinguísticos e epilinguísticos referentes às características dos exercícios, de modo geral. Na esteira de ideias de Miller (2003), a atividade epilinguística:

[...] é o exercício de reflexão sobre o texto lido/escrito e da operação sobre ele a fim de explorá-los em suas diferentes possibilidades. Dizendo em outras palavras, é a reflexão que quem escreve ou lê faz enquanto escreve ou lê, para compreender ou atribuir sentidos ao texto, verificar sua lógica, coesão, coerência, adequação das categorias gramaticais e ortografia, seja como leitor que precisa entender o que lê, seja como autor que deseja que seu leitor entenda o que escreve (Miller, 2003, p. 01).

Sobre a variação no livro didático, a distância entre os usos previstos pelas orientações normativas dispostas em gramáticas tradicionais (cf. Rocha Lima, 2018 [1972]; Cunha; Cintra, 2016 [1985]; Bechara, 2015 [1999]) e aqueles efetivamente praticados na realidade sociolinguística brasileira, sobretudo no que diz respeito ao vernáculo do Português Brasileiro, vem sendo atestada por diversos pesquisadores que se dedicam à proposição de uma pedagogia da variação linguística (cf. Bortoni Ricardo, 2004, 2005, 2014; Zilles; Faraco, 2015; Vieira, 2018, 2019a, 2019b; entre outros). A esse respeito, os estudiosos apontam que a variedade brasileira do português sofre um caso de diglossia entre a fala do aluno que entra para a escola e o padrão que ele deve apresentar, que constituem polos opostos de um continuum linguístico (cf. Kato, 2018 [1993]; Matos e Silva, 2004; entre outros). Uma vez que a escola busca promover o que se chama de “variedades de prestígio”, em muitos momentos, a “língua da escola” – isto é, as estruturas com as quais os alunos só têm contato a partir de eventos de letramento – parece uma segunda língua para os estudantes.

É nessa direção que também caminhamos, à medida que defendemos a socialização dos dados e das análises realizadas não só entre os nossos pares, sociolinguistas, em eventos e/ou publicações especializadas, mas, sobretudo, em contextos de formação – inicial e continuada – de professores de língua portuguesa, contribuindo para o fortalecimento de uma educação sociolinguística no contexto brasileiro. Desse modo, esperamos contribuir com as pesquisas que versam sobre a relação entre variação linguística, gêneros textuais-discursivos e continua, levando sempre em conta o vínculo intrínseco entre (história da) língua e (história da) sociedade.



Universidade  
Estadual de Goiás



Ainda de acordo com a perspectiva de Miller (2003), em contraste, a atividade metalinguística está a “capacidade de falar sobre a linguagem, descrevê-la e analisá-la como objeto de estudo” (Miller, 2003, p. 01).

Sendo assim, a metalinguística, conforme Miller (2003), faz referência à utilização da própria língua para ensinar a língua. Nesse sentido, o livro analisado, trará capítulos referentes à língua, abordando exercícios de base metalinguística, visto que, depois de um pequeno texto, e quadros explicativos, referentes aos modos como deve ser empregado o tópico gramatical abordado, existem atividades de classificação, identificação, categorização, etc.

Para Labov (2008 [1972], p. 215), a língua é uma maneira de comportamento social. Permeada de sentidos construídos culturalmente, as línguas servem para atender às necessidades de seus falantes e escritores, a fim de expressar ideias, sentimentos, valores. As variedades linguísticas, então, fazendo parte da composição de uma língua, contribuem com esses comportamentos sociais e sentidos atribuídos e devido à sua importância e necessidade, as variantes linguísticas deveriam ser contempladas na sala de aula.

Nessa perspectiva, conteúdos que não contemplam a abordagem da variação linguística, mudança linguística e preconceito linguístico podem limitar o ensino e aprendizagem do alunado e não proporcionar uma reflexão mais ampla e aprofundada de todas as diversas facetas que uma mesma língua possui.

## **MATERIAL E MÉTODO**

O Livro Didático de Língua Portuguesa, do 6º ano do Ensino Fundamental, será analisado individualmente desde o sumário e a apresentação até as últimas atividades, passando pela bibliografia consultada e indicada. Também será feita uma descrição prévia das características gerais do livro sobre a estrutura e organização.

A nossa pesquisa pode ser classificada como sendo de procedimento bibliográfico, de natureza qualitativa, de objetivo exploratório e de finalidade básica. Inicialmente, realizamos o procedimento bibliográfico, que, como aponta Fonseca (2002), é feito

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica,

procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (Fonseca, 2002, p. 32).

Isto é, nos concentramos em analisar o livro e evidenciar os problemas nele encontrados sem uma quantificação numérica. Sobre o livro didático, é intitulado *Teláris Essencial*, destinado ao 6º ano do Ensino Fundamental, é importante ressaltar que o material se encontra dividido em 8 unidades e cada unidade é dividida em subtítulos, abordando gramática e literatura. O livro analisado é da 1ª edição e foi publicado em 2022.

A presente pesquisa analisará, com base no arcabouço teórico da Sociolinguística Educacional e da Sociolinguística Variacionista, todos os capítulos, exercícios e boxes informativos sobre o tema *variação* presentes na obra. Além disso, será realizado um cotejo entre a proposta da obra e os postulados do DCGO e da BNCC no que tange à pedagogia da variação linguística.

Para investigar como está sendo tratada a variação linguística no livro didático de Português, *Teláris Essencial*, destinado ao 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da Cidade de Goiás – GO aprovado pelo Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio de 2005/2006.

A parte prática da pesquisa seguirá quatro etapas de realização, conforme citado abaixo:

- I. Identificação do nível escolar a ser escolhido: 6º ano do Ensino Fundamental.
- II. Determinação do livro didático a ser analisado: *Teláris Essencial*, destinado ao 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da Cidade de Goiás – GO.
- III. Análise dos livros escolhidos.
- IV. Descrição da análise.

A opção pela análise do livro do Ensino Fundamental se deveu aos objetivos específicos previamente traçados. Buscamos fazer uma observação da variação linguística tratada logo nos anos iniciais do Ensino Fundamental, e acreditávamos que, a partir desse nível de escolarização, em que os alunos estavam começando a construir os processos relativos à reflexão sobre a linguagem e aos conhecimentos linguísticos e, portanto, os



professores teriam a oportunidade de trabalhar a variação linguística usando os conteúdos propostos nessa perspectiva, no livro didático.

Selecionamos como corpus também o manual do professor, por ser este um instrumento didático que pode fornecer subsídios para atualização e formação do docente, para verificar de que forma esse manual trata a variação linguística e esclarece ao professor a maneira de abordá-la em sala de aula.

O livro será analisado desde o sumário e a apresentação até as últimas atividades, passando pela bibliografia consultada e indicada. Também faremos uma descrição prévia das características gerais do livro no que se refere à estrutura e organização.

## MATERIAL

Neste estudo, vamos analisar e refletir sobre como a variação linguística é ensinada por meio dos livros didáticos de Língua Portuguesa, em específico a partir do livro didático intitulado *Teláris Essencial de Ana Trinconi / Terezinha Bertin / Vera Marchezi*, destinado ao 6º ano do Ensino Fundamental do Lyceu de Goyaz Professor Alcides Jubé, da Cidade de Goiás – GO.

O livro didático apresenta algumas imprecisões ou abordagens problemáticas sobre o fenômeno da variação linguística a partir do momento que começa a abordar o fenômeno de modo muito simplificado, associando variedades a estereótipos sociais ou culturais, perpetuando preconceitos. Traz a ideia de que algumas formas de linguagem (como o português padrão) são superiores a outras pode ser reforçada, desconsiderando a legitimidade das variações regionais e sociais.

Muitas vezes, o livro não contextualiza a evolução histórica das línguas e como essa evolução influencia a variação, acarreta a uma compreensão limitada do fenômeno e ao abordar teorias linguísticas desconsidera como a variação se manifesta no cotidiano, o que pode tornar o conteúdo menos relevante para os alunos. Em alguns momentos aborda a variação linguística de forma muito linear, ou seja, sem explorar as interações complexas entre fatores sociais, culturais e situacionais que influenciam a linguagem. Alguns exemplos de variação estão desatualizados ou não representam adequadamente a diversidade linguística atual, especialmente em um mundo em constante mudança. Ainda outros, quando usados,



negligência as variedades não Históricas, ou seja, a variação em contextos digitais e novas formas de comunicação (como memes, gírias de redes sociais) por vezes são ignoradas.

## MÉTODO

Essa pesquisa é de caráter documental, escolhemos esse método de investigação que envolve a análise de um livro didático em específico, o livro didático *Teláris*, de Língua Portuguesa para coletar informações e dados relevantes sobre nosso fenômeno de estudo. Esse material didático será nossa fonte primária de informação. Por meio dele faremos tanto a análise qualitativa (interpretação e significados) quanto a quantitativa (contagem de dados e padrões).

Nossa pesquisa documental passará por alguns processos: primeiro definimos um tema claro e específico para a pesquisa. Na seleção de documentos identificamos e selecionamos o livro didático que será analisado. Sobre o levantamento de dados, coletamos informações relevantes para o estudo a partir do livro didático. E ao analisar os dados, interpretamos os dados coletados e relacionamos os ao tema da nossa pesquisa. Depois, começamos a elaboração do texto que apresenta os resultados e as conclusões da pesquisa realizada

Ao longo da pesquisa, será observado no material didático, LDLP\* (Livro Didático de Língua Portuguesa) o modo como a Variação Linguística é abordada e ensinada na escola, destacando os principais problemas na abordagem da variação linguística. Até agora, podem-se fazer algumas considerações nesse sentido.

## ANÁLISE

### **Desconsidera a variação estilística (variação individual)**

Cada falante da língua varia a sua atividade linguística de acordo com um eixo de controle. (Por exemplo, o modo como eu falo com um amigo íntimo é diferente da maneira que eu vou me dirigir ao presidente da república). Por vezes, no tratamento da variação linguística, o autor do livro didático esquece disso e afirma que a língua escrita é formal e a língua falada é informal. Quando nós sabemos que existe escrita informal (salas de bate papo).

*Conto popular: História de Trancoso ( Santos, p.25)*

“...Calma - gritou uma voz de taquara rachada – É gente que aqui vai...” (Taquara rachada normalmente é usada na linguagem falada, porém, aqui foi usada informalmente também na linguagem escrita, como um exemplo de que a língua escrita pode ser informal. Formal: irritante, desafinada, estridente).

**Fonte:** Livro didático 6º ano / Ana Trrinconi, Terezinha Bertin / Vera Marchezi (Editora Ática)

Então, a língua escrita não tem a obrigatoriedade de ser formal, o tempo todo, isso varia de acordo com o contexto.

## CLASSIFICAR UM PADRÃO LINGUÍSTICO COMO UMA VARIEDADE

Variedade linguística é uma forma de uso real e autêntico da língua. O padrão não é uma variedade linguística, porque ninguém fala de acordo com o padrão linguístico o tempo todo. Se alguém tentar falar 100% de acordo com a norma padrão vai ser num uso extremamente formal, pouco espontâneo. Então, o LDLP não pode afirmar que entre as muitas variedades da língua uma delas é a mais formal e a padrão, pois isso não acontece autenticamente nos usos da língua.

### ***Conto popular: História de Trancoso (Santos, p. 25)***

“...O fazendeiro foi abrindo o surrão para pegar o queijo...” (surrão é um tipo de vestimenta típica do nordeste brasileiro, especialmente do estado da Paraíba, usado também para guardar alimentos durante uma viagem).

**Fonte:** Livro didático 6º ano / Ana Trrinconi, Terezinha Bertin / Vera Marchezi (Editora Ática).

A palavra surrão aqui é uma variedade linguística, uma forma de uso real e autêntico da língua, pelos falantes paraibanos. Já aqui, na nossa região, a palavra usada nesse contexto seria bolsa térmica, sacola.

Não é correto afirmar que entre as muitas variedades da língua uma delas é a mais formal e a padrão, pois isso não acontece autenticamente nos usos da língua. O padrão não é uma variedade linguística, por isso não devia ser destacado nessa perspectiva pelo livro didático.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



Universidade  
Estadual de Goiás



O aporte teórico usado nesse artigo já nos mostrou que a variação linguística é um conceito fundamental no estudo de línguas, bem como na aquisição de conhecimentos relacionados ao ensino aprendizagem e refere-se às diferentes formas de uma língua que são usadas por diferentes grupos de falantes. Tais variações podem ocorrer em níveis fonológico, gramatical e lexical.

Será que até aqui, podemos afirmar que o material didático analisado utiliza a terminologia relacionada à variação linguística de forma adequada? No livro didático, a inclusão e o tratamento da variação linguística são essenciais para promover uma compreensão mais rica e inclusiva da língua, porém, nesse processo existem algumas lacunas, como exposto acima. Alguns livros tem deixado de reconhecer a existência de diferentes variedades linguísticas, incluindo dialetos regionais, variantes socioeconômicas e estilos formais e informais de comunicação, o que dificulta o aluno entender que não há uma forma única e "correta" de falar ou escrever a língua.

O livro didático apresenta textos de gêneros “sem prestígio social” (intencionalmente ou não) o que leva os alunos a relacionarem a ocorrência da variação linguística como desprestígio, os textos usados nos livros didáticos pouco refletem a diversidade linguística. Também, trazem poucas atividades que incentivam os alunos a comparar diferentes formas de linguagem e analisarem as razões para essas variações podem ser muito educativas. Isso pode incluir exercícios de identificação de dialetos, estudo de diferentes registros e análise de como a linguagem varia de acordo com o contexto.

Seria muito válido que os livros didáticos abordassem e desmistificassem preconceitos linguísticos, mostrando que todas as formas de linguagem têm valor e que as variações não são erros, mas sim características naturais da língua. Talvez, seria muito válido que os livros didáticos destinados fossem destinados a contextos específicos, como em uma determinada região ou país pudesse incluir exemplos e discussões sobre as variedades linguísticas locais pode tornar o material mais relevante e engajador para os alunos, utilizando textos de autores que representam diferentes variantes linguísticas e experiências sociais pode enriquecer o material didático e proporcionar uma visão mais ampla da língua, sendo sensíveis à diversidade cultural e social dos alunos. Isso significa evitar estereótipos e representar a diversidade de maneira respeitosa e precisa, uma vez que, incorporar a variação linguística em



livros didáticos não só enriquece o aprendizado da língua, mas também ajuda os alunos a desenvolver uma visão mais ampla e inclusiva da comunicação e da cultura.

## REFERÊNCIAS

TRINCONI, Ana. **Teláris Essencial: Português: 6º ano.** 1ª Edição. Editora: Ática. São Paulo. Ano: 2022.

BORTONI, Estella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula.** Editora: Parábola. Ano: 2004

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Educação é a base. 2017. Disponível em: [http://www.cascavel.pr.gov.br/arquivos/05032018\\_bccc\\_anos\\_iniciais\\_02\\_03\\_18.pdf](http://www.cascavel.pr.gov.br/arquivos/05032018_bccc_anos_iniciais_02_03_18.pdf).

Acesso em: 25 de março de 2021.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2016 (2ª versão). Disponível em: <http://undime-sc.org.br/download/2a-versao-base-nacional-comum-curricular/>. Acesso em: 25 de março de 2021.

FARACO, Carlos Alberto Faraco. **Norma culta brasileira, desatando alguns nós.** Editora: Parábola. Ano: 2004

SILVA, Flávio Brandão. ROMUALDO, Edson Carlos. PEREIRA, Hélcio Batista. **Da variação linguística a pedagogia da variação. Descrição e ensino de Português.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 248p. 16 x 23 cm.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. **Princípios de Sociolinguística e Sociologia delenguaje.** Barcelona: Editorial Ariel, 2005.

[Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Materna: uma entrevista com Luiz Carlos Travaglia.](#) *ReVEL*. Vol. 2, n. 2, 2004. Variação linguística em livro didático do ensino fundamental: propostas e tratamento Linguistic Variation in Textbook of Middle.